

ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA E INFORMACIONAL NA PRÁTICA BIBLIOTECÁRIA

Filipe Xerxeneski da Silveira¹Débora Cristina Daenecke A. Moura²

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Pensar a prática bibliotecária no âmbito da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) vai além de fornecer elementos e ferramentas para o acesso, o uso e a criação de conteúdos midiáticos e informacionais em diferentes contextos e suportes. Torna-se cada vez mais necessário compreender os usuários das bibliotecas de diferentes tipologias (universitárias, especializadas, públicas, escolares e comunitárias) como produtores e consumidores de informações e de mídias. Nesse sentido, é imprescindível reconhecermos as distintas e variadas formas como os consulentes de bibliotecas interagem no contexto dos fluxos informacionais, visando ao estabelecimento de uma comunicação (e conexão) ativa e eficaz, no intuito de mapear suas preferências e de criar possibilidades de serviços e produtos que satisfaçam suas reais necessidades de informação e comunicação. Considera-se, então, o que preconizam os documentos da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2016, p. 36), isto é: “a alfabetização midiática e informacional melhora o processo de ensino e aprendizagem fornecido pelos professores a jovens cidadãos, ajudando-os a tornarem-se pensadores independentes, críticos e reflexivos e trabalhadores do conhecimento criativos e efetivos”. Além disso, é relevante perceber que o impacto das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC), aliadas à inovação, causam efeitos não apenas nos profissionais que lidam com esses aparatos, mas nas relações entre os diferentes atores sociais. Prado e

¹ Doutor em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Bibliotecário no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.

² Mestre em Tecnologias Educacionais em Rede (Universidade Federal de Santa Maria). Bibliotecária no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.

Cavaglieri (2016, p. 95-96), parecem ir direto ao cerne dessa questão quando afirmam que “a inovação passa a acontecer nas bibliotecas quando estas percebem que somente os registros informacionais bibliográficos já não mais atenderão uma sociedade conectada, participativa e com acessos rápidos e vastos a uma variedade de recursos”.

É importante deixar claro, assim, que a promoção e o desenvolvimento de serviços relacionados à AMI, na prática bibliotecária, requerem a ação não apenas dos bibliotecários, mas também de profissionais ligados à gestão, à comunicação e às áreas do conhecimento afins. Nesse contexto, é preciso destacar que, antes de qualquer prerrogativa, os bibliotecários precisam ser alfabetizados e educados informacionalmente e midiaticamente no sentido de se adaptarem às novas tecnologias, novas demandas e novos tipos de aprendizes.

Costa e Mattos (2013, p. 270) são enfáticos ao afirmar que

[...] é papel das instituições [**e bibliotecas**] assegurar o acesso aos meios técnicos de comunicação, estimular e dar condições, preparar as novas gerações para a apropriação ativa e crítica dessas novas tecnologias. É um princípio da área educacional formar cidadãos livre e autônomos, sujeitos do processo educacional: professores e estudantes com seu novo papel em um mundo cada vez mais informatizado. (Grifo nosso).

Na sociedade contemporânea, a biblioteca se coloca como um espaço inter e transdisciplinar, interagindo com outras áreas do conhecimento a fim de encontrar soluções para variados problemas existentes. Esse ambiente pode ser “[...]responsável pelo armazenamento da informação, pela sua disseminação e também pelo uso dessa informação, o que acarretará transformação na vida dos usuários da informação”. (SANTA ANNA; GREGÓRIO; GERLIN, 2014, p. 78).

Deve-se refletir, além disso, que a prática bibliotecária, em relação à AMI, precisa criar estratégias que venham a oportunizar aos usuários a capacidade de interagirem e de decodificarem as mensagens (re)produzidas em diferentes mídias (incluindo os sistemas dos quais elas fazem parte), avaliando com criticidade a influência das mensagens no

processo infocomunicacional, bem como nos pensamentos, sentimentos e comportamentos para o uso das mídias de forma cuidadosa e consciente.

A UNESCO ([2011], p. 4) enfatiza que a AMI tem como princípio:

[...] fornecer aos cidadãos conhecimentos básicos sobre o papel dos meios de comunicação e dos dispositivos de informação nas sociedades democráticas, desde que esta função seja corretamente desempenhada e os cidadãos possam avaliar criticamente a qualidade dos conteúdos que são transmitidos. (Tradução nossa).

Estruturar um Serviço de Referência e Informação (SRI) com base nos preceitos básicos da AMI é um dos caminhos para oportunizar ações em prol do desenvolvimento de habilidades informacionais. Por essa razão é essencial que os bibliotecários estejam preparados para incluir ações de AMI em seus planejamentos de SRI, de forma a promover espaços para o desenvolvimento das habilidades informacionais deficitárias nos públicos atendidos.

Cabe salientar que a Constituição Federal, no Artigo 196, esclarece que a saúde é direito de todos e dever do Estado, o que é “[...] **garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação**” (BRASIL, 1988, *online*). (Grifo nosso).

Buscamos, pelo que foi exposto acima, problematizar aspectos referentes à AMI na prática bibliotecária:

- a) Que tipo(s) de serviços e produtos as bibliotecas podem oferecer à comunidade usuária no que tange ao desenvolvimento de habilidades ligadas às práticas informacionais e midiáticas?
- b) Como os bibliotecários podem promover ações inovadoras de AMI na prática bibliotecária?

A AMI NO SERVIÇO DE REFERÊNCIA E INFORMAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES EM DIFERENTES TIPOLOGIAS DE BIBLIOTECAS

No decorrer dos últimos anos, o SRI vem ampliando a sua forma de atuação devido à inserção das TIC, novos formatos e suportes nas bibliotecas. As inovações no SRI, decorrentes das mudanças transicionais entre a sociedade da informação e do conhecimento para a sociedade da aprendizagem e da inovação, dinamizaram o acesso aos serviços e recursos informacionais disponíveis nas bibliotecas, representando possibilidades para novas formas de acesso aos recursos informacionais e aos novos meios de interação entre os atores envolvidos nos processos infocomunicacionais. Porém, parece-nos crucial reconhecer que a AMI ainda é uma realidade incipiente, tanto na formação dos bibliotecários quanto na prática dos profissionais em nosso país.

Torna-se latente a importância de ressaltar que o SRI consiste na identificação e no atendimento de demandas dos usuários nos mais variados ambientes informacionais. Grogan (2001) aponta que o SRI é composto por oito passos: o problema, a necessidade de informação, a questão inicial, a questão negociada, a estratégia de busca, o processo de busca, a resposta e a solução. Esses passos têm o intuito de facilitar o processo de referência, e, dessa forma, torna-se necessário que os bibliotecários criem estratégias de AMI de modo que os usuários possam desenvolver habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos: dos impressos aos digitais.

Nessa mesma linha de pensamento, Grogan (2001) expõe que, por meio do SRI, o usuário terá suas necessidades cognitivas atendidas, e, por isso, os bibliotecários precisam ter em mente que seu trabalho não consiste apenas em fornecer informações, sua atividade é “essencialmente humana”. A incorporação de novos recursos informacionais e midiáticos às bibliotecas reforça a importância e o papel estratégico do SRI na AMI para o alcance de níveis de letramento informacional e midiático e, por conseguinte, para o atingimento de um nível de educação informacional e midiática. Devemos refletir, além disso, que o papel do bibliotecário de referência ganha destaque nesse contexto, ao passo que o

desenvolvimento de habilidades informacionais por parte dos usuários das bibliotecas e/ou das unidades de informação passa a ser ponto de partida para o uso dos recursos informacionais em fontes fidedignas de informação.

Enfatizando a importância desse serviço nas bibliotecas, Almeida Júnior (2013, p. 15) afirma que a biblioteca: “[...] é o espaço onde se dá a relação entre a informação e o interesse do usuário; é o momento em que se procura satisfazer as necessidades informacionais do usuário, enfim, é quando todo o trabalho da biblioteca se completa”.

Acompanhando tais considerações, recorre-se mais uma vez às afirmações de Grogan (2001) em que o autor enfatiza que os usuários das bibliotecas, auxiliados pelo bibliotecário de referência, têm melhores condições de aproveitarem o acervo de uma biblioteca do que o fariam sem essa assistência.

Os conceitos e as missões da biblioteca, no decorrer do tempo, foram tomando forma e se adequando às mudanças da sociedade. Hoje podemos elencar diversas tipologias de biblioteca, cada uma com sua especificidade, mas todas como “[...] promotoras da educação, da cultura e/ou do lazer, visando não apenas à coleta, à preservação e à disseminação da informação, mas também procurando agir como um agente construtor de uma sociedade crítica e seletiva”. (ARAÚJO; VILA, 2019, p. 3). Nesse viés de raciocínio, a conjuntura básica, que devemos observar e fortalecer, é de que as bibliotecas oportunizem aos usuários, através de serviços e produtos inovadores, uma maior autonomia tanto para lidar com as tecnologias de comunicação, quanto para perceber a qualidade, o sentido e os objetivos das informações disseminadas. Atuar na formação de cidadãos, que venham a produzir conhecimentos fundamentados em fontes confiáveis de informação, de forma ética e consciente, é um dever de todos os bibliotecários do nosso país. No caso da saúde, muitas narrativas e discursos que circulam nas mídias digitais, oferecem riscos e influenciam nos hábitos de vida das populações, interferindo nas escolhas alimentares, na prática de atividades físicas e até mesmo na tomada de decisões sobre diagnósticos relativos a diversas doenças. O que precisamos perceber é a complexidade que envolve todo o processo.

Para tanto, é desejável, conforme Carvalho, Rios e Almeida (2014, p. 3) que o bibliotecário na área da saúde possua habilidades e competências para realizar, dentre outras, as seguintes atividades:

- Identificar as necessidades de informação dos profissionais especialistas na área da saúde, disponibilizando informação científica para tomada de decisão em Saúde, com base em informação de embasamento científico de confiança e/ou práticas baseadas em evidências.
- Auxiliar ativamente, orientando o profissional da saúde na realização de pesquisas bibliográficas em bases de dados eletrônicas e na internet, buscando respostas e estudos relevantes a cada caso/assunto estudado.
- Cooperar no diagnóstico e na escolha do tratamento, realizando a busca e a triagem da informação relevante, fornecendo de forma rápida e confiável estudos para suporte às decisões dos médicos e dos demais integrantes da equipe, para uma prática clínica eficaz e de qualidade.

O Quadro 1 apresenta algumas habilidades necessárias, do bibliotecário de referência, com relação às práticas informacionais e midiáticas no contexto da informação em saúde.

Quadro 1 – Habilidades essenciais do bibliotecário de referência com relação às práticas informacionais e midiáticas no contexto da informação em saúde e possibilidades de serviços e produtos disponibilizados aos usuários

Algumas habilidades essenciais do bibliotecário de referência, com relação às práticas informacionais e midiáticas, no contexto da informação em saúde	Serviços e/ou produtos disponibilizados aos usuários
Domínio na busca, uso e apropriação de fontes de informação de nível básico	Oferecer cursos de iniciação à pesquisa acadêmica em fontes de informação <i>online</i> . Orientação aos usuários quanto à elaboração de estratégias de busca de nível básico a serem utilizadas nas pesquisas.
Domínio na busca, uso e apropriação de fontes de informação em nível avançado	Oferecer aos usuários oficinas com abordagem dos principais operadores booleanos, dicas para a definição de termos de busca, elaboração da estratégia de busca avançada e efetivação de buscas em bases de dados.

(continua)

Quadro 1 – Habilidades essenciais do bibliotecário de referência com relação às práticas informacionais e midiáticas no contexto da informação em saúde e possibilidades de serviços e produtos disponibilizados aos usuários

(conclusão)

Domínio na organização e representação da informação (RI) e representação do conhecimento (RC) em saúde	Oferecer aos usuários capacitação para utilizar os vocabulários controlados Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), <i>Medical Subject Headings</i> (MeSH) e EMTREE, os operadores booleanos (<i>AND, OR, NOT</i>), os símbolos e os sinais e, ainda, os acrônimos PICO, PICOT, PECO e PVO.
Domínio em métodos de investigação científica e busca de evidências para a tomada de decisão de equipe multiprofissionais da área da saúde	Oferecer aos usuários treinamentos em bases de evidências, redação de protocolos de pesquisa e projetos de pesquisa clínica, diretrizes terapêuticas, revisões sistemáticas da literatura, síntese de evidências para políticas de saúde e avaliação de tecnologias em saúde para a criação de protocolos clínicos.
Domínio em normalização documentária	Oferecer aos usuários oficinas e treinamentos quanto à elaboração de referências para artigos, monografias, dissertações e outros documentos segundo os requisitos das normas mais utilizadas na área da saúde: APA, Vancouver e outras.
Domínio em publicações científicas da área da saúde	Oferecer capacitações sobre métricas de periódicos da área da saúde abordando conceitos, aplicabilidades e obtenção em bases de dados e em outras ferramentas. Noções de bibliometria, fator de impacto, índice H e altmetrias dos periódicos da área da saúde.
Domínio em gerenciadores de referências	Oferecer aos usuários, através de capacitações, a possibilidade do uso de gerenciadores de referências, recursos utilizados <i>online</i> ou instalados nos computadores que permitem coletar, armazenar, gerenciar e citar as referências bibliográficas utilizadas durante o desenvolvimento de um trabalho, que pode como exemplo ser uma revisão sistemática. Existem muitos <i>softwares</i> para gerenciar as buscas: <i>Mendeley, Zotero, Endnoteweb, Epp-Reviewer, Confidence</i> , entre outros.
Domínio em preenchimento e atualização do currículo <i>Lattes</i> e sua vinculação com o <i>Open Researcher and Contributor ID</i> (identificador de autores ORCID)	Oferecer treinamento aos usuários quanto ao preenchimento e atualização do currículo <i>Lattes</i> e de sua vinculação com os identificadores de autores.

Fonte: Silveira e Moura (2023).

Há de se considerar que as habilidades informacionais e midiáticas precisam estar incorporadas ao fazer bibliotecário, o que pressupõe que atualizações com formações complementares sejam constantes. É importante destacar a necessidade dos profissionais de estarem atentos às transformações em seus campos de atuação. No caso da saúde, as informações acessadas, compartilhadas e apropriadas em diferentes momentos trazem celeridade e qualidade à tomada de decisão clínica às equipes multiprofissionais.

Da mesma forma, os bibliotecários atuantes em bibliotecas públicas precisam acompanhar as mudanças e exigências da contemporaneidade. A atuação desses profissionais é desafiadora diante de públicos heterogêneos e o SRI precisa estar estruturado para contemplar possíveis lacunas informacionais, com o objetivo de tornar a biblioteca um espaço de referência na busca pelas informações confiáveis por parte da população. Diante disso, muitas vezes as parcerias externas serão fundamentais para a expansão desses serviços, contribuindo de diferentes formas com o apoio de profissionais de outras áreas, apoio tecnológico, apoio material e apoio financeiro, entre outros. Assim, no Quadro 2, apresentamos algumas habilidades para o bibliotecário de referência em relação às possibilidades de práticas informacionais e midiáticas em bibliotecas públicas.

Quadro 2 – Habilidades essenciais do bibliotecário de referência com relação às práticas informacionais e midiáticas no contexto das bibliotecas públicas e das possibilidades de serviços e produtos disponibilizados aos usuários

Algumas habilidades essenciais do bibliotecário de referência, com relação às práticas informacionais e midiáticas, no contexto das bibliotecas públicas	Serviços e/ou produtos disponibilizados aos usuários
Domínio em pesquisa bibliográfica, acesso e navegação na <i>web</i>	Oferecer à comunidade atividades de pesquisa individual ou em grupo; treinamento no uso catálogos (a partir ou não de instrução tutoriais), objetivando a confiança dos usuários na utilização de ferramentas de buscas gerais de acesso livre na internet para obtenção de informação.

(continua)

Quadro 2 – Habilidades essenciais do bibliotecário de referência com relação às práticas informacionais e midiáticas no contexto das bibliotecas públicas e das possibilidades de serviços e produtos disponibilizados aos usuários

(conclusão)

Domínio em técnicas de promoção da leitura e contação de histórias	Oferecer à comunidade ações de promoção e divulgação da leitura literária com o uso de tecnologias e mídias. Uso de técnicas inovadoras para contar histórias, como a apropriação de <i>makerspaces</i> , uso de jogos interativos, entre outras.
Domínio no uso de recursos de informática	Oferecer oficinas de nível básico que objetivem auxiliar os usuários no uso de recursos de ferramentas de edição de texto, tabelas e gráficos. Proporcionar acesso a computadores aos usuários para prática dos conhecimentos obtidos.
Domínio no uso de recursos <i>web</i> e <i>smartphones</i>	Oferecer oficinas para criação e uso de recursos de e-mail, acesso a portais de informação, checagem de informações, utilização de recursos de redes sociais e recursos de celular (fotos, chamadas de vídeo, baixar aplicativos, entre outros). Proporcionar acesso a computadores com acesso à internet aos usuários para prática dos conhecimentos obtidos.
Domínio de serviços de informação à comunidade	Divulgar localmente e pelos canais de comunicação da biblioteca informações utilitárias sobre serviços à comunidade que abarquem informações acerca de saúde, atividades culturais, orientações sobre oportunidades de emprego e qualificação profissional, entre outras.

Fonte: Silveira e Moura (2023).

Importa salientar que as habilidades apresentadas nos Quadros 1 e 2 podem ser consideradas por todos os bibliotecários, independente da tipologia de biblioteca em que atuam. Isso posto, vai ao encontro do compromisso social desses profissionais oportunizar aos cidadãos uma relação saudável, ética, democrática e fortalecedora com as informações e com as mídias.

Ademais, um fato que deve ser considerado primordial é o de que os bibliotecários precisam (re)estruturar as bibliotecas como espaços colaborativos, considerando os usuários como criadores de conteúdo e investindo estrategicamente em recursos midiáticos que venham a garantir acesso equitativo dos indivíduos ao mundo digital.

A PRÁTICA “BIBLIOTECÁRIA” FRENTE À ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA E INFORMACIONAL: BREVES DIÁLOGOS COM A SAÚDE

Muito se discute, nos dias atuais, sobre a relevância das interconexões entre as diferentes áreas do conhecimento humano. As redes de conhecimento e o compartilhamento de áreas como a Ciência da Informação – Ciências Sociais e Aplicadas – com as Ciências da Saúde, oportunizam maior divulgação científica e a possibilidade de laços colaborativos por meio das múltiplas representações interdisciplinares. A prática bibliotecária, frente à AMI, possibilita que o profissional da informação estabeleça diálogos com diversas e diversificadas áreas do conhecimento humano, através de serviços e produtos midiáticos e informacionais inovadores.

É oportuno enfatizar que as informações produzidas por profissionais no âmbito da Saúde (Saúde Coletiva, Biomedicina, Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição, Odontologia, Psicologia e Serviço Social) são fundamentais para a qualificação das equipes multiprofissionais, com vistas à prevenção e à promoção da saúde, bem como à garantia de qualidade de vida para a população. Nesse sentido, torna-se também necessário enfatizar que toda informação clínica é compreendida como uma informação em saúde, porém nem toda informação em saúde é uma informação que tem uma aplicabilidade em casos clínicos. Brito *et al.* (2009, p. 368) definem informação em saúde sob uma perspectiva de coletividade e sintetizam que:

[...] a informação em saúde deve ser trabalhada no sentido de reforçar os direitos humanos, contribuir para a eliminação da miséria e das desigualdades sociais e, ao mesmo tempo, subsidiar o processo decisório na área de saúde, em prol de uma atenção com efetividade, qualidade e respeito à singularidade de cada indivíduo e ao contexto de cada população.

Diante do exposto, afirma-se que os bibliotecários precisam assumir papéis de destaque em equipes multiprofissionais de saúde, uma vez que são mediadores entre as

informações mais robustas para a tomada de decisão clínica e as diferentes necessidades informacionais dos profissionais que as demandam. Nesse âmbito, Freitas, Saraiva e Batista (2011, p. 160) reafirmam tal linha de pensamento:

[...] para que uma sociedade seja mais saudável e tenha consciência de aspectos preventivos de doenças e facilitadores da manutenção da saúde de forma geral, é necessário o insumo primário, viabilizado por informações assertivas. A informação em saúde, em grande parte, é mediada e transmitida por profissionais da área, tais como médicos, professores, enfermeiros, dentistas entre outros profissionais que possuem em sua rotina de trabalho a responsabilidade de fazer a transferência da informação em saúde e contribuir com a sociedade bem informada, de modo que cada indivíduo receba informações e as agregue na forma de conhecimentos.

Isso parece fazer sentido quando se fortalecem ações sistematizadas para levar informações acessíveis e baseadas em evidências científicas à população. Assim, nós, cidadãos, temos a possibilidade de desenvolver um comportamento mais positivo em nossa busca pela saúde.

Em um país continental e desigual como o Brasil, as realidades diversas são evidentes e precisam ser consideradas. Faz-se de extrema importância a sensibilidade e o profundo conhecimento do contexto em que as bibliotecas estão inseridas para que as práticas voltadas à AMI sejam inclusivas e acolhedoras. Gomes (2020, p. 12) apresenta:

Os sujeitos da ação comunicativa precisam transitar com “conforto emocional” no “ambiente” informacional que, mais do que consistir em um espaço fisicamente geográfico, precisa se constituir em uma ambiência que se abre ao outro, acolhendo-o e colocando-se com disponibilidade à construção de laços de pertencimento.

Neste importante espaço-temporal é primordial que o bibliotecário assuma um protagonismo como educador. Para tanto, recorreremos a Freire (1987) objetivando compreender a importância de uma dialogicidade fluida entre o profissional, as fontes de

informação e os usuários. Portanto, isso implica dizer, segundo Freire (1987, p. 68), que “[...] ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Nesse sentido, evidencia-se que o Grupo de Pesquisa Leitura, Informação e Acessibilidade (LEIA) atua na vanguarda em pesquisas relacionadas aos processos de mediação da informação em relação à AMI, ao ponto que Moro e Estabel (2012, p. 44) enfatizam que: “[...] a mediação é processo e ‘não está entre dois termos que estabelecem uma relação’, mas é a ‘própria relação’ do sujeito com outro sujeito através do terceiro elemento: o semiótico”.

Nesse sentido, faz-se importante ecoar que a prática bibliotecária deve estar centrada em compreender as necessidades informacionais de variados públicos, dialogar e fazer-se compreender pelos usuários das bibliotecas, além de promover ações voltadas às (diversas) aprendizagens para o atingimento de uma política pública baseada nos pilares de uma educação informacional e midiática que promova, à população brasileira, o uso das mídias de forma consciente e igualitária, respeitando a liberdade de expressão e o diálogo.

Diante do exposto, o Quadro 3 traz uma síntese do que vem sendo discutido até agora e consolida algumas estratégias que podem ser adotadas através do uso da AMI na prática bibliotecária, exemplificando possíveis cenários a serem categorizados e constituídos na perspectiva de uma biblioteca 4.0 (conectada, tecnológica e inovadora), considerando a AMI na prática bibliotecária, uma vez que tais inovações permitem que os usuários tenham experiências personalizadas com os recursos disponibilizados pela biblioteca, possibilitando, assim, uma maior autonomia entre as fontes e as tecnologias.

Quadro 3 – Cenários inovadores da prática bibliotecária em AMI

Cenários inovadores da prática bibliotecária em AMI	Detalhamento da ação
Armazenamento em nuvem	É a conservação de conteúdos salvos fora dos computadores, por meio da internet, possibilitando que o usuário os acesse, por meio de diferentes plataformas, de qualquer lugar.
Bibframe	É um serviço que permite a formação de catálogos <i>online</i> cooperativos, cujos dados disponibilizados nesses recursos possam se conectar com outras fontes fora do catálogo por meio de um processo interoperável com base na aplicação dos princípios de dados vinculados (<i>Linked Data</i>).
Biblioteca das Coisas	Consiste no empréstimo de outros materiais e objetos que possam ser úteis à comunidade e tenham relação com o meio acadêmico. O serviço abrange o empréstimo de materiais não bibliográficos como calculadora, carregador de celular, adaptador, <i>notebook</i> , <i>tablets</i> e similares, guarda-chuva, guarda-volumes, fones de ouvido antirruído, entre outros.
<i>Information Commons</i>	É o compartilhamento de recursos de informação de uma biblioteca que integra serviços nos ambientes digital e físico, focado no conforto e nas possibilidades de criação do usuário, com o objetivo de formar comunidades com interesses comuns. Está baseado em três pilares principais: Serviços de Informação, Estrutura Física e Ambiente Digital.
Plataformas digitais	São mecanismos que possibilitam o acesso de forma simultânea a conteúdos informacionais disponíveis em plataformas digitais mediante assinatura da biblioteca. Através dos acessos a livros e outros documentos eletrônicos, elimina-se a fila de espera para os livros físicos e amplia, dessa forma, o acesso ao conhecimento.
Jogos para tornar as atividades lúdicas	Os benefícios educacionais dos jogos de <i>Role-Playing Game</i> (RPG) desenvolvidos na biblioteca são inúmeros. Primeiramente, estimulam a prática da leitura, já que é fundamental a leitura e compreensão das regras dos jogos. Além disso, promovem a interatividade, pois os jogadores interferem e alteram a história que vai sendo contada. Outra vantagem é que o RPG estimula a visão sistêmica, muito importante para os dias de hoje.

(continua)

Quadro 3 – Cenários inovadores da prática bibliotecária em AMI

(conclusão)

Jogos para tornar as atividades lúdicas	Assim, os jogadores deixam para trás o raciocínio linear da maioria dos jogos para perceber o contexto em sua totalidade. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SERGIPE, 2018).
Realidade aumentada (RA)	A RA em bibliotecas está transcendendo a busca da informação desejada em um banco de dados e tornou possível obter a localização física de uma publicação através do emprego de RA com sistemas de posicionamento <i>Global Position System</i> (GPS). A RA tem se mostrado muito eficiente tanto no trabalho através da redução de tempo dos profissionais, aumentando a precisão e a produção de inventários de livros de forma mais confiável, quanto no aumento da atratividade das bibliotecas aos seus visitantes.
RA como inovações de práticas de leitura	Atualmente, muitas ferramentas que permitem a criação de livros aumentados estão surgindo. Para o uso de muitas delas, não se faz necessário ter formação específica em programação e é permitido que qualquer usuário possa criar os próprios livros aumentados com facilidade. (LOPES, 2019).
Makerspaces em bibliotecas	As atividades <i>maker</i> geralmente estão associadas a construção de objetos com uso de tecnologia. As atividades possuem propósitos diversos que incluem o uso de equipamentos de fabricação digital como impressoras 3D, cortadoras laser e também <i>kits</i> de robótica, programação, costura, marcenaria e outras técnicas. O <i>Maker</i> aborda a tecnologia e a possibilidade de que os estudantes se apropriem de técnicas que os permitam se tornar produtores de tecnologia e não apenas consumidores. (RAABE; GOMES, 2018).
Ambientes participativos e <i>coworking</i>	Compartilhamento de espaços físicos para profissionais que buscam otimizar custos de mobiliário, aluguel, entre outros. O compartilhamento de espaço físico incentiva o compartilhamento de ideias e conhecimentos entre os profissionais que dividem o espaço.

Fonte: Silveira e Moura (2023).

Muitos são os impactos sociais ocasionados pelas mudanças oriundas do mundo analógico para o digital. É imprescindível que as bibliotecas estejam atentas aos cenários inovadores e estudem formas e possibilidades de incorporação de tais práticas ao fazer

biblioteconômico cotidiano. Analisando o que foi colocado até aqui, deixamos as seguintes indagações:

- a) A biblioteca onde você atua já desenvolveu alguma prática apresentada no quadro 3?
- b) Caso positivo, qual(is)?
- c) Caso negativo, você estaria disposto a incorporá-la no seu fazer? Qual(is)?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de habilidades informacionais é um processo cíclico e contínuo, por consequência, não existe um profissional “pronto”. É desejável que os bibliotecários estejam atentos às necessidades de suas comunidades e dispostos a enfrentar os constantes desafios, buscando qualificar-se e construir novos conhecimentos.

No entanto, não podemos nos furtar de dizer que os currículos de Biblioteconomia não preconizam, nos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC), disciplinas que abordem a temática da alfabetização midiática e informacional na formação do sujeito bibliotecário. É necessário que as demandas atuais da profissão, assim como a premência em abordagens ligadas à capacidade dos cidadãos em produzirem, interpretarem e disseminarem de forma crítica e consciente as informações contidas nas mídias, sejam objeto de debate do poder público, dos conselhos de classe e das faculdades de Biblioteconomia no Brasil.

Procuramos trazer, ao longo do texto, possíveis habilidades necessárias aos profissionais no âmbito da AMI, por entendermos que, para termos indivíduos considerados competentes em informação, é fundamental a combinação entre conhecimentos, habilidades e atitudes.

A prática bibliotecária voltada à AMI precisa ser atenta, inclusiva e inovadora, instigando o usuário a ser autônomo e ao mesmo tempo crítico e ético no uso e no compartilhamento de conteúdos informacionais em diferentes ambientes e cenários.

As ferramentas informacionais e midiáticas devem ser vistas e utilizadas como aliadas no desenvolvimento social, científico e inovador em nossas bibliotecas e unidades de informação, porém os bibliotecários precisam (re)pensar a sua atuação quanto ao oferecimento de serviços e produtos que dialoguem com o forte movimento de desinformação que assola a sociedade atual.

Temos consciência de que ainda precisamos percorrer um longo caminho, porém os debates aqui suggestionados oportunizarão um ponto de partida (e não de chegada) para novos estudos e análises a respeito da temática, especialmente no âmbito das bibliotecas integrantes da Rede BiblioSUS. É iminente a necessidade das bibliotecas que compõem a Rede de darem o pontapé inicial em projetos de AMI atrelados aos princípios de autonomia dos sujeitos, à liberdade de expressão e à proteção de direitos.

Prospectamos a necessidade da articulação de informações e mídias para além de espaços de educação formal, compreendendo a necessidade de estudos transversais, perpassando todas as áreas do conhecimento e objetivando uma pluralidade na atuação de cada cidadão deste país. É dever de todos nós abraçarmos essa causa!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. **Biblioteca Pública: avaliação de serviços**. Londrina: Eduel, 2013.

ARAÚJO, E. L. G. de; VILA, M. D. P. A Biblioteca e suas Tipologias. *In*: CONGRESSO DE GESTÃO PÚBLICA DO RIO GRANDE DO NORTE, 13., 2019, Natal. **Anais Eletrônicos** [...]. Natal: Escola de Governo Cardeal Dom Eugênio de Araújo Sales, 2019. P. 1-12. Disponível em: <http://www.congesp.rn.gov.br/anais/publiatuais/27.pdf>. Acesso: 10 jun. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 17 jul. 2023.

BRITO, L. J. *et al.* Competências do Profissional de Informação em Saúde: considerações iniciais. *In:* DUARTE, Z.; FARIAS, L. (org.). **A Medicina na Era da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2009. P. 365-374. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/160/4/A%20medicina%20na%20era%20da%20informacao.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2023.

CARVALHO, M. J. J.; RIOS, S. V. S.; ALMEIDA, R. Criação do Grupo de Bibliotecários em Ciências da Saúde em Âmbito Nacional. *In:* COLÓQUIO INTERNACIONAL “A MEDICINA NA ERA DA INFORMAÇÃO”, 3., 2014, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2014. P. 1-10.

COSTA, J. W. da; MATTOS, M. J. V. M. de. Utilização de Recursos da Web 2.0 por Professores de Graduação no Processo Ensino-aprendizagem. *In:* VALLE, L. E. L. R.; MATTOS, M. J. V. M. de; COSTA, J. W. da (org.). **Educação Digital: a tecnologia a favor da inclusão**. Porto Alegre: Penso, 2013. P. 264-283.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, F. N.; SARAIVA, L. R.; BATISTA, T. Alfabetização em Informação para Capacitação de Agentes Comunitários de Saúde: recurso para melhoria na mediação e transferência de informações. *In:* CUEVAS, A.; SIMEÃO, E. (coord.). **Alfabetização Informacional e Inclusão Digital: modelo de infoinclusão social**. Brasília, DF: Thesaurus, 2011. P. 159-183.

GOMES, H. F. Mediação da Informação e suas Dimensões Dialógica, Estética, Formativa, Ética e Política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1-23, 2020.

GROGAN, D. **A Prática do Serviço de Referência**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2001.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SERGIPE. **Biblioteca do Campus Socorro utiliza os Jogos para Tornar a Aprendizagem mais Lúdica**. Aracaju, 4 jan. 2018. Disponível em: <http://www.ifs.edu.br/central-de-conteudo/noticias-biblioteca/6329-biblioteca-do-campus-socorro-utiliza-os-jogos-para-tornar-a-aprendizagem-mais-ludica>. Acesso em: 15 jul. 2023.

LOPES, L. M. D. **Realidade Aumentada como Inovação das Práticas de Leitura**. 2019. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Informação e Comunicação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Araranguá, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/215141/PTIC0053-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 jul. 2023.

MORO, E. L. S.; ESTABEL, L. B. Mediadores de Leitura na Família, na Escola, na Biblioteca, na Bibliodiversidade. *In*: NEVES, I. C. B.; MORO, E. L. S.; ESTABEL, L. B. (org.). **Mediadores de Leitura na Bibliodiversidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2012. P. 41-64.

PRADO, J. M. K.; CAVAGLIERI, M. A Inovação para os Bibliotecários de uma Instituição de Educação Profissional: conhecendo o perfil para continuar inovando. **REBECIN**, Sergipe, v. 3, n. 2, p. 93-108, 2016. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/49>. Acesso em: 24 jun. 2023.

RAABE, A.; GOMES, E. B. Maker: uma nova abordagem para tecnologia na educação. **Revista Tecnologias na Educação**, Belo Horizonte, v. 26, n. 10, 2018. Disponível em: <https://tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2018/09/Art1-vol.26-EdicaoTematicaVIII-Setembro2018.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SANTA ANNA, J.; GREGÓRIO, E.; GERLIN, M. M. Atuação Bibliotecária além da Biblioteca: o espaço de leitura do Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes (HUCAM). **Revista ACB**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 77-88, 2014. Disponível em: <https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/953>. Acesso em: 9 jun. 2023.

UNESCO. **Programa de Formación en Alfabetización Mediática e Informacional Destinado a los Docentes**. Paris, [2011].

UNESCO. **Marco de Avaliação Global da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI): disposição e competências do país**. Brasília, DF: UNESCO, 2016. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246398>. Acesso em: 17 jul. 2023.